2013

Espetáculos extra-assinatura

Cultura artística

ORQUESTRA SINFÔNICA
SIMÓN BOLÍVAR
DA VENEZUELA

GUSTAVO **DUDAMEL** Regência

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

DIRETORIA

Presidente
Pedro Herz

Diretores
Cláudio Sonder
Antonio Hermann D. Menezes de Azevedo
Gioconda Bordon
Patrícia Moraes
Fernando Carramaschi
Luiz Fernando Faria
Marcelo Levy
Ricardo Becker

Superintendente
Frederico Lohmann

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Presidente
Cláudio Sonder

Vice-Presidente
Roberto Crissiuma Mesquita

Conselho
Milú Villela
Aluízio Rebello de Araújo
Antônio Ermírio de Moraes
Carlos José Rauscher
Fernando Xavier Ferreira
Francisco Mesquita Neto
Gérard Loeb
Henri Philippe Reichstul
Henrique Meirelles
Jayme Sverner
Marcelo Kayath
Pedro Herz
Plínio José Marafon

CONSELHO CONSULTIVO

Affonso Celso Pastore
Alfredo Rizkallah
Hermann Wever
João Lara Mesquita
José Zaragoza
Mário Arthur Adler
Salim Taufic Schahin
Thomas Michael Lanz

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO — OSESP

Regente Titular (2012-2016)
Marin Alsop

Regente Associado (2012-2016)
Celso Antunes

Regente Convidado de Honra (2012-2013)
Yan Pascal Tortelier

Diretor Artístico
Arthur Nestrovski

FUNDAÇÃO ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO
Organização Social de Cultura

Presidente do Conselho de Administração
Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidente do Conselho de Administração
Pedro Moreira Salles

Diretor Executivo
Marcelo Lopes

Superintendente
Fausto Augusto Marcucci Arruda

Marketing
Carlos Harasawa Diretor
Mauren Stieven

Departamento de Operações
Mônica Cássia Ferreira Gerente
Ângela Sardinha
Fabiane de Oliveira Araújo
Guilherme Vieira
Regiane Sampaio Bezerra
Vinicius Goy de Aro

Apoio a Eventos
Felipe Lapa

Departamento Técnico
Ronald Góes Gerente
Ednilson de Campos Pinto
Sérgio Cattini
Melissa Limnios

Acústica
Cassio Mendes Antas

Iluminação
Carlos Eduardo Soares da Silva

Sonorização
Fabio Tsuneo Sena Santos Miyahara

Montagem
João André Blásio

Controlador de Acesso
Sandro Marcello Sampaio de Miranda Encarregado

Indicadora
Sabrine Ferreira Encarregada

Supervisão geral THAISSA LAMHA Edição SERGIO TELLAROLI Projeto gráfico PAULO HUMBERTO L. DE ALMEIDA Editoração eletrônica LUDOVICO Fotos da capa NOHELEY OLIVEROS e MATHEW IMAGING Assessoria de imprensa GABINETE DE COMUNICAÇÃO

REALIZAÇÃO

Cultura artística 2013

23 e 24 de abril
ORQUESTRA **SINFÔNICA DE MONTREAL**
KENT **NAGANO** Regência

6 e 7 de maio
YO-YO **MA** Violoncelo
KATHRYN **STOTT** Piano

23 e 24 de maio
ORQUESTRA DE CÂMARA **FRANZ LISZT**
EMMANUEL **PAHUD** Flauta

2 e 5 de junho
QUARTETO **BORODIN**

24 e 25 de junho
ORQUESTRA REAL DO **CONCERTGEBOUW**
MARISS **JANSONS** Regência
DENIS **MATSUEV** Piano

29 e 31 de julho
PIOTR **ANDERSZEWSKI** Piano

31 de agosto e 1 de setembro
JOSHUA **BELL** Violino

18 e 21 de setembro
GABRIELA **MONTERO** Piano

19 e 20 de outubro
ORQUESTRA SINFÔNICA **FINLANDESA DE LAHTI**
OKKO **KAMU** Regência

2 e 6 de novembro
COMBATTIMENTO **CONSORT AMSTERDAM**
QUIRINE **VIERSEN** Violoncelo

Datas e programação sujeitas a alterações.

O Ministério da Cultura e a Cultura Artística apresentam

ORQUESTRA SINFÔNICA
SIMÓN BOLÍVAR DA VENEZUELA

GUSTAVO **DUDAMEL** Regência

ORQUESTRA SINFÔNICA **SIMÓN BOLÍVAR** DA VENEZUELA

Fundada pelo maestro José Antonio Abreu, a Orquestra Sinfônica Simón Bolívar da Venezuela é hoje o principal agrupamento musical do Sistema Nacional de Orquestras e Coros Juvenis e Infantis da Venezuela. Sob a direção musical de Gustavo Dudamel, seus 180 jovens musicistas, nomeados Embaixadores da Paz pela UNESCO, foram formados pelo Programa Acadêmico-orquestral da Fundação Musical Simón Bolívar. Nele, frequentaram *master classes* e realizaram concertos com destacados professores e solistas de renome mundial, como os da Filarmônica de Berlim, da Academia Sibelius da Finlândia, da Academia Bach de Stuttgart e do Conservatório da Nova Inglaterra, em Boston. *Sir* Simon Rattle, Claudio Abbado, Daniel Barenboim, Krzysztof Penderecki, Esa Pekka-Salonen e Lorin Maazel são alguns dos regentes sob cuja batuta a orquestra já se apresentou.

Ao longo da primeira década do século XXI, a OSSBV realizou turnês internacionais de grande sucesso, apresentando-se nos mais importantes centros da música erudita e nos mais prestigiosos festivais do calendário internacional. Em 2007, debutou no BBC Proms londrino, seguindo-se estreias nos festivais de Edimburgo, Schleswig-Holstein e no Semperoper de Dresden. Ainda nesse mesmo ano, excursionou por México e Estados Unidos, com apresentações em Los Angeles, San Francisco, Boston e no Carnegie Hall nova-iorquino, onde a orquestra foi conduzida por Gustavo Dudamel e por *sir* Simon Rattle, no festival "Berlin in Lights".

Em 2008, a orquestra esteve em Frankfurt, Berlim, Baden-Baden, Lucerna, Helsinque e no Festival de Salzburgo, além de debutar na Ásia com concertos em Beijing, Seul, Tóquio e Hiroshima. Em abril de 2009, uma bem-sucedida turnê norte-americana levou a OSSBV a Houston, Washington e Chicago. Na Europa, além de passagem pelo Royal Festival Hall de Londres, o conjunto apresentou-se também na Konzerthaus de Viena, no Teatro alla Scala de Milão e na Salle Pleyel parisiense. De volta à América do Norte, concertos em Toronto celebraram a outorga do Prêmio Glenn Gould ao maestro José Antonio Abreu.

Em março de 2010, no Festival de Lucerna, a orquestra realizou quatro importantes apresentações sob a direção de quatro regentes do mais elevado destaque: Claudio Abbado, Gustavo Dudamel, Christian Vásquez e Diego Matheuz. Em junho desse mesmo ano, retornou à Europa,

para concertos e atividades didáticas em Gotemburgo, Oslo, Estocolmo, São Petersburgo, Moscou, Varsóvia, Atenas e Granada.

Em 2011, o conjunto esteve pela primeira vez no Brasil, onde se apresentou em Salvador, Paulínia, São Paulo e Rio de Janeiro, com passagens também por Argentina, Uruguai, Chile e Colômbia. Agosto de 2011 marcou o regresso da OSSBV ao BBC Proms e ao Festival de Salzburgo. Atuações em Zurique, Milão e na Academia Santa Cecilia de Roma fecharam o ano, em turnê encerrada com concertos em Turim, Nápoles, Gênova, Palermo e Reggio Emilia, estes últimos sob a direção do venezuelano Diego Matheuz.

No início de 2012, liderada por Dudamel, a Simón Bolívar cumpriu residência de três semanas no Walt Disney Hall, onde alternou concertos com a Filarmônica de Los Angeles dentro da programação do "Projeto Mahler", que culminaria no Teatro Teresa Carreño de Caracas, onde as duas orquestras interpretaram as nove sinfonias do grande compositor austríaco. Entre junho e julho desse mesmo ano, a Simón Bolívar apresentou-se ainda nas Olimpíadas de Londres, no South Bank Centre, na Escócia e em Barcelona e Madri. A temporada terminaria com uma turnê por Chicago, Filadélfia e Washington, além de residências em Berkeley e Nova York.

Em julho próximo, a orquestra retorna à Grosses Spielhaus de Salzburgo para interpretar uma das especialidades de seu repertório: Mahler.

SAIBA MAIS

A Simón Bolívar grava com exclusividade para a Deutsche Grammophon, selo pelo qual já foi agraciada com o prêmio ECHO de 2007 pelo registro em estúdio das sinfonias de número 5 e 7 de Beethoven. Além delas, gravou também a Quinta Sinfonia de Mahler, a Sinfonia nº 5 de Tchaikovsky e um álbum de grande sucesso, *Fiesta*, com obras de compositores latino-americanos.

RICHARD ARENSDORF

GUSTAVO **DUDAMEL**

"Ele é um fenômeno. Um talento dessa grandeza é coisa rara", escrevia o crítico de música do *Los Angeles Times* em 2007, impressionado com o carisma de Gustavo Dudamel. Não muito tempo depois, em 2009, o jovem maestro venezuelano seria eleito pela revista *Time* uma das cem personalidades mais influentes do ano. Entre tantas manifestações de louvor, essas duas bastam para caracterizar a posição privilegiada que Gustavo Dudamel hoje ocupa como um dos mais celebrados regentes da atualidade.

Nascido em Barquisimeto, capital do estado de Lara, no centro-oeste da Venezuela, Dudamel começou a ter aulas de violino ainda criança — primeiramente, no Conservatório Jacinto Lara, e, depois, na Academia Latino-americana de Violino, ambos em sua cidade natal. Em 1996, sob a orientação de Rodolfo Saglimbeni, iniciou-se na regência e, no mesmo ano, assumiu seu primeiro posto nessa área, como diretor musical e regente da Orquestra de Câmara Amadeus, de Caracas. Mais tarde, em 1999, Gustavo Dudamel seria nomeado diretor musical da, então, Orquestra Jovem Simón Bolívar da Venezuela, dando prosseguimento a seus estudos, agora sob a tutela do maestro José Antonio Abreu. Por fim, em 2004, o primeiro prêmio do concurso de regência da Sinfônica de Bamberg deu impulso decisivo a uma trajetória de enorme sucesso internacional.

Hoje, em sua 14ª temporada à frente da Simón Bolívar, Gustavo Dudamel é também diretor musical da Filarmônica de Los Angeles, com a qual possui contrato até 2019, e regente honorário da Orquestra Sinfônica de Gotemburgo. Os muitos compromissos com as orquestras que lidera não o impedem, porém, de aceitar os frequentes convites para dirigir alguns dos principais conjuntos sinfônicos da cena erudita internacional, como a Orquestra Real do Concertgebouw, as filarmônicas de Viena, Berlim e de Israel, a Orquestra da Academia Nacional de Santa Cecília ou a Staatskapelle Berlin, dentre tantas outras.

Destaques recentes de sua atuação em Los Angeles incluem tanto a *première* de um oratório de John Adams encomendado pela própria filarmônica, *The Gospel According to the Other Mary* — obra que Dudamel acaba de reger em Paris e Nova York —, como a montagem de *As bodas de Fígaro* com cenários do arquiteto Jean Nouvel, que tem estreia marcada para maio. Com a Simón Bolívar, o maestro apresentou-se ao final de 2012 no Kennedy Center de Washington e no Carnegie Hall nova-iorquino, assim como em Chicago e na Filadélfia. Neste mês de abril, Dudamel e a orquestra venezuelana excursionam por Argentina, Brasil e Colômbia, com concertos agendados para Buenos Aires, Brasília e Bogotá, além de São Paulo. Para julho próximo, está prevista uma produção do *Tannhäuser* de Wagner com a Ópera de Colombia e, a seguir, nova participação no conceituado Festival de Salzburgo.

Gustavo Dudamel tem recebido inúmeros prêmios e comendas ao longo da carreira. *Chevalier de l'Ordre des Arts et des Lettres* desde 2009, ele foi agraciado pelo MIT com o prêmio Eugene McDermott, em 2010, além de ter sido eleito "Artista do ano" pela revista *Gramophone*, em 2011. Recentemente, a *Musical America* nomeou-o "Músico do ano", uma das mais elevadas honrarias concedidas pela indústria musical norte-americana.

SAIBA MAIS

Em fevereiro de 2012, Dudamel e a Filarmônica de Los Angeles receberam um Grammy de "Melhor performance orquestral" por sua gravação ao vivo da Quarta Sinfonia de Brahms. *Mahler 9*, com a orquestra de Los Angeles, acaba de ser lançado, e espera-se para breve o lançamento de seu registro da Sétima Sinfonia de Mahler à frente da Simón Bolívar.

ORQUESTRA SINFÔNICA **SIMÓN BOLÍVAR** DA VENEZUELA

GUSTAVO **DUDAMEL** Regência

PRIMEIROS VIOLINOS
Alejandro Carreño
Boris Suárez
Carlos Vegas
Jesús Pinto
Eduardo Salazar
Douglas Isasis
Anna Virginia González
Daniela Becerra
Ebert Ceballo
Emirzeth Henríquez
Felipe Rodríguez
Gregory Carreño
Héctor Robles
Jorge Velásquez
José Laurencio Silva
Luis Adolfo González
Luis Barazarte
Luis Navarro
María José Oviedo
Nicole Rodríguez
Oriana Suárez
Rubén López
Verónica Balda
Wilfredo Pérez
Kenneth Jones

SEGUNDOS VIOLINOS
Moisés Medina
Alirio Vegas
William González
Gregory Mata
Adriana Von Buren
Alessandro Lugo
Anderson Briceño
Carlos Luis Perdomo
Daniel Herrera
Daniel Marín
Daniel Sánchez
Eduardo Gomes
Enrique Carrillo
Gleirys Gómez
Imanuel Sandoval
Israel Méndez
José Guedez
Juan Pérez
Oswaldo Martínez
Patricio Meriño
Ronnie Morales
William López
Jairo González

VIOLAS
Ismel Campos
Luis Aguilar
Carlos Corales
David Peralta
Fabiana Alvarez
Greymar Mendoza
Jhoanna Sierralta
Juan Chacón
Luis Fernández
Luz Cadenas
Mary Francis Alvarado
Miguel Jerez
Pedro González
Samuel Jiménez
Néstor Alvarez
Mabel Rodríguez
Pedro Rondón
Omar Pérez
Richard Urbano

VIOLONCELOS
Edgar Calderón
Aimon Mata
Carlos Ereú
Abner Padrino
César Giuliani
Enn René Díaz
Frank Valderrey
Gabriela Jiménez
Jean Carlos Coronado
Jhonn Rujano
Juan Méndez
Leandro Bandrés
Luis Mata
Manuel Hernández
Mónica Frías
Ricardo Corniel
Roberto Pérez
Yackson Sánchez
Maricmar Pérez

CONTRABAIXOS
Claudio Hernández
Freddy Adrián
Hecmary Barroso
Jorge Alí Moreno
Antonio Camacho
Luis Peralta
Oscar Luque
Vanessa Matamoros
Yholmer Yépez
Zahira Guaramatos

FLAUTAS
Katherine Rivas
Aron García
Diego Hernández
Engels Gómez
Etni Molletones
Fernando Martínez
Emily Ojeda
Alexis Angulo

OBOÉS
Frank Giraldo
Elly Saúl Guerrero
Ely Molletones
Hairin Colina
Luis González
Néstor Pardo
Daniel Vielma

CORNE INGLÊS
Elvis Romero

CLARINETES
David Medina
Ester Román
Víctor Mendoza
Demian Martínez
Ivan Santaella

CLARONE
Carlos Escalona

FAGOTES
Gonzalo Hidalgo
Daniel García
Edgar Monrroy
Jesús Díaz
Werner Díaz

CONTRAFAGOTES
Aquiles Delgado
Desiré Baloa

TROMPAS
Daniel Graterol
Danny Gutiérrez
Edgar Aragón
Favio Giraldo
José Giménez
José Melgarejo
Kaylet Torrez
Luis Castro
Reinaldo Albornoz

TROMPETES
Tomás Medina
Gaudy Sánchez
Andrés Ascanio
Andrés González
David Pérez
Gerald Chacón
Jonathan Rivas
Leafar Riobueno
Luis Alfredo Sánchez
Miguel Albornoz
Miguel Tagliafico
Román Granda
Víctor Caldera
Werlink Casanova
Wilfrido Galarraga

TROMBONES
Pedro Carrero
Alejandro Díaz
Jackson Murillo
Joel Martínez
Rudys Sandoval

TROMBONES BAIXOS
Francisco Blanco
Lisandro Laya

TUBAS
Lewis Pantoja
Christian Delgado

PERCUSSÃO
Félix Mendoza
Ramón Granda
Acuarius Zambrano
Edgardo Acosta
Juan Carlos Silva
Jesús Pérez
Luis Trejo
Luzbel Jiménez
Matias Azpurua
Sergio López
Simón González
Víctor Villarroel

HARPAS
Rodolfo Sarabia
Adel Solórzano

PIANO
Vilma Sánchez

GERENTE DE TURNÊ
Arlette Dávila

COORDENAÇÃO
César Marval

COORDENAÇÃO TÉCNICA
Luis Velásquez

TÉCNICOS
Edgar Camacho
José Campuzano
Naudy Nares
Eric Delgado

REPRODUÇÃO
Richard Santafé

DIRETOR FUNDADOR
José Antonio Abreu

DIRETOR EXECUTIVO
Eduardo Méndez

SUBDIRETOR EXECUTIVO
Valdemar Rodríguez

GERENTE GERAL
Víctor Rojas

GERENTE ADJUNTO
Manuel Moya

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

Sistema Nacional de las Orquestas y Coros Juveniles e Infantiles de Venezuela

HILTI FOUNDATION
A música como oportunidade para ter uma vida melhor – apoiamos jovens músicos com talento como nossa contribuição para o desenvolvimento sustentado da cultura e sociedade.

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Cultura artística

CONCERTOS EXTRA-ASSINATURA

Sala São Paulo, 6 de abril, sábado, 21h

Sala São Paulo, 7 de abril, domingo, 21h

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770-1827)

Sinfonia nº 5, em dó menor, opus 67 *c.* 31'

Allegro con brio
Andante con moto
Scherzo. Allegro
Allegro

Intervalo

IGOR STRAVINSKY (1882-1971)

A sagração da primavera *c.* 33'

I- O beijo da terra
Introdução. Augúrios primaveris (Danças das moças faceiras). Jogo do rapto. Danças de roda primaveris. Jogos das duas cidades. Cortejo do mais velho e mais sábio. O beijo da terra (O mais velho e mais sábio). Dança da terra.

II- O grande sacrifício
Introdução. Círculos secretos das moças. Glorificação da escolhida. Evocação dos antepassados. Ação ritual dos antepassados. Grande dança de sagração (A escolhida).

Próximos Concertos — Sala São Paulo, 21h

ORQUESTRA SINFÔNICA DE MONTREAL
KENT NAGANO Regência

Série Branca, 23 de abril, terça-feira

WAGNER Tannhäuser (Abertura e Venusberg)
LISZT Concerto para piano nº 1 — SERHIY SALOV Piano
BRAHMS Sinfonia nº 4

Série Azul, 24 de abril, quarta-feira

BERLIOZ O corsário
RAVEL Tzigane — ANDREW WAN Violino
STRAVINSKY O pássaro de fogo (suíte, 1919)
RIMSKY-KORSAKOV Sheherazade

Ingressos à venda.

YO-YO MA Violoncelo
KATHRYN STOTT Piano

Série Branca, 6 de maio, segunda-feira
Série Azul, 7 de maio, terça-feira

STRAVINSKY Suíte italiana
VILLA-LOBOS Alma brasileira
PIAZZOLLA Oblivion
GUARNIERI Dança negra
DE FALLA Canções populares espanholas
MESSIAEN Louange à l'éternité de Jésus
BRAHMS Sonata para violino nº 3

Ingressos à venda a partir de 8 de abril.

Os concertos serão precedidos de palestra de Irineu Franco Perpetuo, às 20h, no auditório do primeiro andar da Sala São Paulo.

O conteúdo editorial dos programas da Temporada 2013 encontra-se disponível em nosso site uma semana antes dos respectivos concertos.

Programação sujeita a alterações.

4003 1212
ingressorapido.com.br
ingresso rápido
Sujeito a taxa de conveniência

Siga a Cultura Artística nas redes sociais
facebook.com/culturartistica
twitter.com/culturartistica

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770-1827)

Sinfonia nº 5

Tchan-tchan-tchan-tchan — sol-sol-sol-mi! O breve motivo de quatro notas que abre a Quinta Sinfonia de Beethoven tem sido tão repetido desde sua estreia, há dois séculos, que se tornou um clichê. O desafio para os ouvidos de hoje é superar a banalização do tema beethoveniano e resgatar sua força retórica e seu caráter inovador.

Quando o compositor, nascido em Bonn e radicado em Viena, começou a escrever sinfonias, tratava-se de uma forma musical relativamente nova. Considera-se o "pai" da sinfonia Joseph Haydn (1732-1809), que deu aulas a Beethoven na capital austríaca e compôs pouco mais de uma centena de obras do gênero ao longo de 77 anos de vida.

Nas palavras de um contemporâneo, Beethoven foi a Viena aos 22 anos para "receber o espírito de Mozart das mãos de Haydn". Pois bem: em sua breve existência de 35 anos, o divino Amadeus deixou quatro dezenas de partituras sinfônicas. O veemente Ludwig viveu 57 anos; duas décadas a menos que Haydn, duas a mais que Mozart. Seu número de sinfonias, contudo, é bem inferior ao dos colegas. Beethoven compôs "apenas" nove partituras sinfônicas.

Isso implica menos talento que os outros ou, talvez, menor aptidão para a forma? Muito pelo contrário. Beethoven modifica e amplia decisivamente o significado da sinfonia, estabelecendo o padrão que seria seguido por todo o século XIX. Ele compõe menos obras do gênero que seus antecessores porque, a partir da Terceira Sinfonia (a "Heroica"), cada uma delas representa uma pesquisa de linguagem, uma tentativa de superar o que outros (e ele mesmo) haviam feito nesse campo.

Como afirma o dicionário *New Grove*, uma espécie de "bíblia" da música: "O vigor, o ampliado alcance e a intenção claramente radical dessas obras distinguem-nas das sinfonias caudatárias da tradição setecentista, como a primeira e a segunda sinfonias do próprio Beethoven. Mais ainda: todas elas conseguem criar a impressão de uma viagem psicológica ou de um processo de crescimento. No curso desse processo, algo parece surgir, triunfar ou transcender — mesmo se, como na 'Pastoral', o que é transcendido sobremaneira é a tempestade".

Essa sensação de jornada e triunfo, além da assertiva retórica beethoveniana, certamente contribuiu para que a Quinta fosse durante muito tempo conhecida como "Sinfonia do Destino". Não faltará, até hoje, quem ouça nas quatro primeiras notas o destino a bater à porta do compositor. A obra, afinal, começou a ser escrita em 1804, quando a audição de Beethoven decrescia sensivelmente e a Áustria passava por instabilidade política, envolvendo-se em conflitos com a França que culminariam na ocupação de Viena pelas tropas de Napoleão, em 1805.

Por mais tentador que seja ver a Quinta Sinfonia como retrato das turbulências pessoais do compositor nessa época, bem como das vicissitudes atravessadas por seu país, a realidade, em Beethoven, era sempre mais complexa. Ao mesmo tempo que se ocupava da "atormentada" Sinfonia nº 5, ele compunha a plácida "Pastoral", sua sinfonia de número 6, idílica descrição da vida no campo. Qual delas retrataria melhor seu estado de espírito? Possivelmente ambas. Afinal de contas, Beethoven era, como todos nós, multifacetado e contraditório. Escritas simultaneamente, as gêmeas univitelinas e dessemelhantes estrearíam na mesma ocasião: em 22 de outubro de 1808.

O CONCERTO DESTA NOITE

Irineu Franco Perpetuo

Hoje, um programa semelhante seria impensável, não apenas pela concentração de obras-primas em uma mesma noite, mas também pela própria duração das peças. Ao longo de cinco horas, foram apresentadas a "Pastoral", a ária *Ah, perfido*, marchas, hinos, trechos de missa, o *Concerto nº 4, em sol maior, para piano e orquestra*, a Fantasia para piano, coro e orquestra, op. 80, a Quinta e, como se não bastasse, ainda algumas improvisações de Beethoven ao teclado!

A tudo isso, acrescente-se o gênio reconhecidamente irascível do compositor. É sabido que, durante os ensaios, ele brigou com os músicos, que passaram a exigir que os ensaios fossem conduzidos sem a sua presença. Resultado: pouco público, execução medíocre.

Logo, contudo, a Sinfonia nº 5 conquistaria as principais cabeças pensantes do século XIX, transformando-se em uma das obras de maior impacto do compositor. Referência não apenas como músico, mas também como pensador da música, o alemão Robert Schumann (1810-1856) afirmou certa vez: "Onde quer que a escutemos, seja em salas públicas ou particulares, a Quinta sempre exerce sobre as pessoas, qualquer que seja a sua idade, um fascínio impressionante. É como aqueles fenômenos da natureza que, por mais frequentes que sejam, sempre nos enchem de surpresa e perplexidade".

Um dos líderes das vanguardas do Romantismo, Berlioz nos oferece uma colorida descrição de uma performance da Quinta Sinfonia: "Alguns executantes ficaram paralisados de emoção, incapazes de dar sequência a suas partes ou até de segurar os arcos, que lhes escapavam das mãos. Na primeira fileira, vi muitos rostos que se escondiam para sufocar soluços convulsivos; alguns jovens riam alto, outros arrancavam os cabelos, outros ainda se abandonavam a mil contorções extravagantes".

De todas essas leituras, porém, a que mais surpreende é a do alemão E. T. A. Hoffmann (1776-1822), que chegou até a compor uma ópera, *Undine*, mas ficou célebre por sua obra literária. (Uma de suas personagens, aliás, um compositor fictício chamado Johannes Kreisler, seria imortalizada na *Kreisleriana* de Schumann e se transformaria também no protagonista da ópera *Os contos de Hoffmann*, de Jacques Offenbach). Em 1810 — apenas dois anos depois da estreia da Quinta Sinfonia —, Hoffmann escreveu uma crítica que até hoje é citada não apenas como exemplo da recepção de Beethoven em seu tempo, mas também por identificar aspectos que parecem válidos mesmo para a sensibilidade de hoje. Dizia ela: "Nessa sinfonia, Beethoven conservou a sequência normal de movimentos, mas eles parecem magicamente ligados um ao outro, e todos juntos produzem o efeito de uma rapsódia genial. A sensibilidade de todos os ouvintes será indubitavelmente tocada, profunda e intimamente, por uma impressão de desejo infinito, insatisfeito; e isso até o último acorde".

Em *The Classical Style*, o crítico e pianista norte-americano Charles Rosen escreveu que o poder de transformação temática de Beethoven, sua "habilidade de fazer muito a partir de pouco", era espantoso. E, como Hoffmann percebeu, tal capacidade se manifesta de modo especialmente poderoso na Sinfonia nº 5, na qual o "tchan-tchan-tchan-tchan" constitui não apenas a base do primeiro movimento, mas o fundamento sobre o qual se assenta a obra como um todo. Nessas quatro notas aparentemente tão banais está a argamassa que confere consistência, coerência e solidez à sinfonia inteira.

IGOR STRAVINSKY (1882-1971)
A sagração da primavera

Se o século XIX desenvolveu-se essencialmente sob a sombra da música de Beethoven (em especial, da Nona Sinfonia), o século XX não pode ser explicado sem *A sagração da primavera*. O escândalo que sua estreia provocou, em 29 de maio de 1913, seria apenas mais uma divertida anedota da Paris da *belle époque*, não marcasse ela o nascimento de uma partitura destinada a mudar de vez a feição da música no Ocidente.

Filho de um baixo da Ópera de São Petersburgo, Igor Stravinsky era um promissor discípulo de Rimsky-Korsakov (autor de *Scheherazade*, e um dos líderes da música nacionalista russa do século XIX) quando foi descoberto pelo agitador cultural Serguei Diaghilev (1872-1929), que, em 1909, com a ambição de difundir a cultura de seu país fora das fronteiras da Rússia, fundou em Paris os Ballets Russes (que, aliás, se apresentaram na Cultura Artística ainda em 1917).

Com um talento infalível para aglutinar criadores de todas as áreas, Diaghilev acabou convidando e arregimentando nomes como Picasso, Miró, Matisse, Braque, De Chirico e Chanel, que fizeram de sua companhia uma das mais fervilhantes usinas de criação artística da época. Se, na dança, os Ballets Russes lançaram grifes como Nijinski, Fokine, Balanchine, Massine e Lifar, na música eles foram o veículo perfeito para o jovem Stravinsky, que causou furor com *O pássaro de fogo* (1910) e *Petruchka* (1911).

De acordo com o próprio compositor, a primeira visão da "Sagração" ocorreu-lhe em São Petersburgo, em 1910, quando ele trabalhava no "Pássaro": "Entrevi um dia, de forma absolutamente inesperada — porque meu espírito estava ocupado de coisas completamente inesperadas —, entrevi em minha imaginação o espetáculo de um grande rito sacro pagão: os velhos sábios sentados em círculo, observando a dança até a morte de uma jovem que eles sacrificavam para agradar o deus da primavera. Era o tema de *A sagração da primavera*. Devo dizer que essa visão me impressionou muitíssimo, e fui logo falar com meu amigo, o pintor Nikolai Roerich, especialista na evocação do paganismo".

Além de ser um pintor de talento, Roerich tinha credenciais de arqueólogo. O argumento do bailado, distribuído ao público que foi ao Théâtre des Champs-Élysées na noite da estreia, dizia o seguinte:

Primeiro quadro: A adoração da terra
Primavera. A terra está coberta de flores e de grama. Reina grande alegria. Os homens se entregam à dança e interrogam o futuro, segundo os ritos. O avô de todos os sábios participa em pessoa da glorificação da primavera. Ele é levado para se unir à terra abundante e soberba. Todos a pisoteiam em êxtase.

Segundo quadro: O sacrifício
Depois do dia, depois da meia-noite. Sobre as colinas, as pedras consagradas. Adolescentes realizam jogos místicos, buscam a grande via. Glorifica-se, aclama-se aquela que foi designada para ser entregue aos deuses. São convocados os avós, venerandos testemunhos. Assim é feito o sacrifício a Iarilo, o magnífico, o incandescente.

Projetado pelo arquiteto Auguste Perret, o Champs-Élysées, um dos maiores exemplos do estilo *art déco* da capital francesa, tinha visual austero para a época. Havia sido inaugurado em 2 de abril de 1913, com uma vocação para espetáculos contemporâneos que seriam um contraponto à oferta mais conservadora da Ópera de Paris.

Duas semanas antes da "Sagração", a estreia do balé *Jeux*, de Debussy, coreografado por Nijinski, tinha sido recebida com indiferença generalizada. O mesmo bailarino seria o responsável pela coreografia da "Sagração", e o ensaio geral da obra, em 28 de maio, na presença de Debussy, Ravel e de toda a imprensa parisiense, transcorreu em uma calma que jamais permitiria adivinhar a balbúrdia do dia seguinte.

O público começou a debochar logo no início do espetáculo, chocado com os figurinos antinaturalistas de Roerich e com os passos ousados comandados por Nijinski. Bastou Maria Pilz, a primeira bailarina, segurar a cabeça, e os engraçadinhos de plantão começarem a bradar por "um médico, um dentista, dois dentistas".

Diaghilev distribuíra ingressos gratuitos para uma claque encarregada de aplaudir o espetáculo, o que só fez aumentar a algazarra. Às primeiras manifestações, Stravinsky deixou a plateia e foi para os bastidores: "As manifestações, inicialmente isoladas, logo se generalizaram, provocando contramanifestações e descambando muito rapidamente para uma terrível baderna. Durante a performance toda, eu estava do lado de Nijinski, nos bastidores. De pé em uma cadeira, ele gritava '16, 17, 18' — eles tinham seu próprio método de contagem de tempo. Naturalmente, os pobres bailarinos não conseguiam ouvir nada, graças à algazarra no auditório".

Depois do espetáculo, Diaghilev teria dito: "Era exatamente o que eu queria". E, de fato, a "Sagração" sobreviveu à estreia hostil, ganhando nas salas de concerto uma vida autônoma ainda mais vigorosa do que como espetáculo de dança.

Stravinsky empregou na partitura cinco melodias de uma coleção de canções folclóricas da Lituânia. Do ponto de vista musical, para além da "selvageria" retórica, muito do estranhamento inicialmente causado pela partitura veio não apenas da linguagem harmônica dissonante, mas também, e em especial, da rítmica complexa, de um protagonismo inusitado no âmbito da música erudita ocidental. Sem exagero, pode-se dizer que o ritmo é que verdadeiramente estrutura e organiza o discurso sonoro de *A sagração da primavera*.

Richard Taruskin destaca, ainda, o caráter de síntese que a obra revela no quadro geral da música russa: "Embora se tenha falado muito de suas qualidades harmônicas e rítmicas neoprimitivistas, o que é enfatizado com frequência bem menor é o modo pelo qual a "Sagração" levou ao ápice os princípios neonacionalistas, os mesmos que haviam norteado a fundação dos Ballets Russes. Stravinsky limitou seu material temático em grande parte a melodias confinadas ao segmento de escala de quatro notas (o assim chamado tetracorde menor), encontrado em boa parte da música folclórica russa arcaica, e derivou sua harmonia sobretudo da escala 'artificial' em semitons (que pode ser construída com dois desses tetracordes). Desse modo, ele conseguiu pela primeira vez fundir idiomas da música erudita russa que, até então, seguiam linhas paralelas, tanto em sua obra quanto na de seus predecessores: o diatônico/folclórico e o cromático/fantástico".

Teatro Cultura artística

Agradecemos a todos que têm contribuído, de diversas maneiras, para o esforço de construção do novo Teatro Cultura Artística.

PATROCINADORES

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

Bradesco

BNDES

CREDIT SUISSE

SEMP TOSHIBA

PRINCIPAIS DOADORES

(R$ 5.000,00 ou mais)

Adolpho Leirner
Affonso Celso Pastore
Agência Estado
Aggrego Consultores
Airton Bobrow
Alexandre e Silvia Fix
Alfredo Rizkallah
Álvaro Luís Fleury Malheiros
Ana Maria Levy Villela Igel
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Corrêa Meyer
Arnaldo Malheiros
Arsenio Negro Jr.
Aurora Bebidas e Alimentos Finos
Banco Pine
Banco Safra
Bicbanco
Bruno Alois Nowak
Calçados Casa Eurico
Camargo Correa
Camilla Telles Ferreira Santos
Carlos Nehring Netto
CCE
Center Norte
Cláudio e Rose Sonder
Cleômenes Mário Dias Baptista (*i.m.*)
Companhia Brasileira de Metalurgia e Mineração
Dario Chebel Labaki Neto
Dora Rosset
Editora Pinsky Ltda.
Elias Victor Nigri
Elisa Wolynec
EMS
Erwin e Marie Kaufmann
Eurofarma
Fabio de Campos Lilla
Fanny Ribenboin Fix
Fernando Eckhardt Luzio
Fernão Carlos Botelho Bracher
Festival de Salzburgo
Flávio e Sylvia Pinho de Almeida
Francisca Nelida Ostrowicz
Francisco H. de Abreu Maffei
Fundação Filantrópica Arymax
Gerard Loeb
Gioconda Bordon
Giovanni Guido Cerri
Heinz J. Gruber
Helga Verena Maffei
Henri Philippe Reichstul
Henri Slezynger
Henrique Meirelles
Idort/SP
Israel Vainboim
Jacques Caradec
Jairo Cupertino
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
Joaquim de Alcântara Machado de Oliveira
Jorge Diamant
José Carlos e Lucila Evangelista
José E. Queiroz Guimarães
José Ephim Mindlin
José M. Martinez Zaragoza
José Roberto Mendonça de Barros
José Roberto Opice
Jovelino Carvalho Mineiro Filho
Katalin Borger
Lea Regina Caffaro Terra
Leo Madeiras
Livio De Vivo
Luís Stuhlberger
Luiz Diederichsen Villares
Luiz Gonzaga Marinho Brandão
Luiz Rodrigues Corvo
Machado, Meyer, Sendacz e Opice Advogados
Mahle Metal Leve
Maria Adelaide Amaral
Maria Bonomi
Maria Helena de Albuquerque Lins
Marina Lafer
Mário Arthur Adler
Martha Diederichsen Stickel
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso
Moshe Sendacz
Natura
Neli Aparecida de Faria
Nelson Reis
Nelson Vieira Barreira
Oi Futuro
Oswaldo Henrique Silveira
Otto Baumgart Indústria e Comércio
Paulo Bruna
Pedro Herz
Pedro Pullen Parente
Pinheiro Neto Advogados
Polierg Tubos e Conexões
Polimold Industrial S.A.
Porto Seguro
Raphael Pereira Crizantho
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Ricardo Ramenzoni
Richard Barczinski
Roberto Baumgart
Roberto Viegas Calvo
Ruth Lahoz Mendonça de Barros
Ruy e Celia Korbivcher
Salim Taufic Schahin
Samy Katz
Sandor e Mariane Szego
Santander
São José Construções e Comércio (Constr. São José)
Silvia Dias Alcântara Machado
Suzano
Tamas Makray
Theodoro Jorge Flank
Thomas Kunze
Thyrso Martins
Unigel
Ursula Baumgart
Vale
Vavy Pacheco Borges
Vitor Maiorino Netto
Vivian Abdalla Hannud
Volkswagen do Brasil Ind. de Veículos Automotores Ltda.
Wolfgang Knapp
Yara Baumgart
3 Doadores Anônimos

Gostaríamos de agradecer também as doações de mais de 200 empresas e indivíduos que contribuíram com até R$ 5.000,00. Lamentamos não poder, por limitação de espaço, citá-los nominalmente.

REALIZAÇÃO

Cultura artística

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL BRASIL PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Cultura artística

AMIGOS DA CULTURA ARTÍSTICA

Agradecemos a todos que contribuem para tornar realidade os espetáculos e projetos educativos promovidos pela Cultura Artística.

MANTENEDORES

Adélia e Cleômenes Dias Baptista (*i.m.*)
Adolpho Leirner
Affonso Celso Pastore
Airton Bobrow
Alexandre e Silvia Fix
Alfredo Rizkallah
Aluízio Rebello de Araújo
Álvaro Luís Fleury Malheiros
Ana Maria Igel e Mario Higino Leonel
Antonio Ailton Caseiro
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Corrêa Meyer
Antonio Hermann D. M. Azevedo
Antonio Teófilo de Andrade Orth
Arsenio Negro Jr.
Beatriz Baumgart Tadini
Bruno Alois Nowak
Carlos Eduardo Mori Peyser
Carlos Nehring Netto
Carmen Lídia Minidi Pedroso
Carmo e Jovelino Mineiro
Cassio Casseb Lima
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Cleide e Luiz Rodrigues Corvo
Cristian Baumgart Stroczynski
Cristina Baumgart
Dario Chebel Labaki Neto
Dora Rosset
Erwin e Marie Kaufmann
Fabio de Campos Lilla
Fernando Eckhardt Luzio
Francisco H. de Abreu Maffei
Gioconda Bordon
Giovanni Guido Cerri
Henri Philippe Reichstul
Henri Slezynger
Henrique e Michele Tichauer
Henrique Meirelles
Iosif Sancovsky
Israel Vainboim
Jacques Caradec
Jairo Cupertino
Jayme Bobrow
Jean Claude Ramirez
Jorge Takla
José Carlos Evangelista
José E. Queiroz Guimarães
José M. Martinez Zaragoza
José Roberto Mendonça de Barros
José Roberto Opice
José Thales S. Rebouças
Kalil Cury Filho
Karin Baumgart Srougi
Lea Regina Caffaro Terra
Lina Saigh Maluf
Lucia Hauptman
Luís Stuhlberger
Marcia Igel Joppert
Marcos Baumgart Stroczynski
Maria Adelaide Amaral
Maria Bonomi
Maria Zilda Oliveira de Araújo
Mário Arthur Adler
Michael e Alina Perlman
Moshe Sendacz
Neli Aparecida de Faria
Nelson Nery Jr.
Nelson Pereira dos Reis
Oswaldo Henrique Silveira
Otto Baumgart
Paula e Hitoshi Castro
Paulo Bruna
Pedro Barros Barreto Fernandes
Pedro Herz
Pedro Stern
Regina e Gerald Reiss
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Roberto Baumgart
Roberto Viegas Calvo
Rosa Maria de Andrade Nery
Ruth Lahoz Mendonça de Barros
Ruy e Celia Korbivcher
Ruy Souza e Silva
Samy Katz
Sandor e Mariane Szego
Sandra Arruda Grostein
Silvia e Fernando Carramaschi
Tamas Makray
Thomas Kunze
Ursula Baumgart
Vivian Abdalla Hannud
Wolfgang Knapp
7 Mantenedores Anônimos

AMIGOS

Abram e Clarice Topczewski
Alberto Emmanuel C. Whitaker
Alexandre Grain de Carvalho
Álvaro Oscar Campana
Ana Elisa e Eugenio Staub Filho
Ana Maria Malik
André Guyvarch
Andrea Sandro Calabi
Antonio Carlos Malaghini
Antonio Kanji Hoshikawa
Arnaldo Malheiros
Arnoldo Wald
Augusto Livio Malzoni
Calçados Casa Eurico
Carlo Zuffellato
Carlos Chagas Rodrigues
Carlos P. Rauscher
Cassio Augusto Macedo da Silva
Claudia Annunziata G. Musto
Claudia Helena Plass
Claudia Proushan
Claudio Alberto Cury
Claudio Antonio Mesquita Pereira
Claudio e Selma Cernea
Consuelo de Castro Pena
Dario e Regina Guarita
Edith Ranzini
Edson Eidi Kumagai
Elias e Elizabeth Rocha Barros
Elisa Wolynec
Eric Alexander Klug
Fábio Konder Comparato
Fany e Alberto Levy
Fernando K. Lottenberg
Francisco J. de Oliveira Jr.
Francisco Montano Filho
Galícia Empreend. e Participações Ltda.
Giancarlo Gasperini
Gustavo Henrique Machado de Carvalho
Heinz J. Gruber
Helio Elkis
Heloisa e José Eduardo Martins
Henrique B. Larroudé
Horácio Mario Kleinman
Irene Kantor
Isaac Popoutchi
Issei e Marcia Abe
Izabel Sobral
Jayme e Tatiana Serebrenic
Jayme Vargas da Silva
Jeanete e Bruno Musatti
João Baptista Raimo Jr.
Jorge José Proushan
José Adolfo Pascowitch
José Carlos Dias
José e Priscila Goldenberg
José Francisco Kerr Saraiva
José Paulo de Castro Emsenhuber
José Theophilo Ramos Jr.
Júlia Menezes Profeta
Junia Borges Botelho
Karen Lisboa e Claudio Struck
Katalin Borger
Kristina Arnhold
Leo Kupfer
Lilia Katri Moritz Schwarcz
Lilia Salomão
Livio De Vivo
Lourenço Augusto de Meireles Reis
Luci Banks Leite
Lúcia e Nemer Rahal
Luiz Augusto de Queiroz Ablas
Luiz Diederichsen Villares
Luiz Henrique Martins Castro
Luiz Roberto de Andrade Novaes
Luiz Schwarcz
Malú Pereira de Almeida
Marcello D. Bronstein
Marcelo de O. M. Diniz Junqueira
Marco Tullio Bottino
Marcos de Mattos Pimenta
Maria Helena Peres Oliveira
Maria Joaquina Marques Dias
Maria Stella Moraes R. do Valle
Maria Teresa Igel
Marilene Melo
Mario Roberto Rizkallah
Marta D. Grostein
Michael Haradom
Miguel Paulo Salomão Jardini
Natan e Irene Berger
Nélio Garcia de Barros
Nelson Vieira Barreira
Olavo Setúbal Jr.
Oscar Lafer
Paula Proushan
Paulo Cezar Aragão
Paulo Proushan
Paulo Roberto Pereira da Costa
Pedro Spyridion Yannoulis
Percival Lafer
Polia Lerner Hamburger
Raul Correa da Silva
Regina Weinberg
Renata e Sergio Simon
Renato Polizzi
Ricardo Bohn Gonçalves
Rubens Halaban
Sergio Gonçalves de Almeida
Silvia Dias Alcântara Machado
Suzana Pasternak
Thomas Frank Tichauer
Thyrso Martins
Ulysses de Paula Eduardo Jr.
Vavy Pacheco Borges
Walter Ceneviva
Wilma Kövesi (*i.m.*)
14 Amigos Anônimos

JOVENS AMIGOS

Antonio Cardoso
Carmen Guarini
Celia Prado
Daniela e Frederico Carramaschi
Edoardo Rivetti
Eliana R. Marques Zlochevsky
Eugenio Suffredini Neto
Israel Sancovski
Lucila Pires Evangelista
Maria Francisca Sachs
Mauro André Mendes Finatti
Mity Hori Kato
Ricardo A. E. Mendonça
Ricardo Di Rienzo
Rodrigo O. Broglia Mendes
Rogério Woisky
Sergio Luiz Macera
6 Jovens Amigos Anônimos

Lista atualizada em 22 de março de 2013.

Para mais informações, ligue para (11) 3256 0223, escreva para amigos@culturaartistica.com.br ou visite www.culturaartistica.com.br/amigos.

Cultura artística

PATROCINADORES DA TEMPORADA 2013

LEI DE INCENTIVO À CULTURA

PATROCINADORES MASTER

CREDIT SUISSE

ESTADÃO

PATROCINADORES PLATINA

Safra

CENTER NORTE
O SHOPPING DA FAMÍLIA

Itaú

Votorantim Cimentos

ORACLE

ULTRA

PROJETOS EDUCATIVOS

PATROCINADORES OURO

BAIN & COMPANY

BM&A
BARBOSA, MÜSSNICH & ARAGÃO

BUNGE

IGUATEMI
SÃO PAULO

Morlan

oi

oi FUTURO
ANOS

MACHADO MEYER
MACHADO MEYER SENDACZ OPICE ADVOGADOS

SUZANO

PINHEIRO NETO
ADVOGADOS

PATROCINADORES PRATA

AURORA
fine brands since 1946

Grupo Promon

IOCHPE-MAXION

NEOGAMA·BBH

TOLEDO

UNIGEL

VEDACIT
IMPERMEABILIZANTES

PATROCINADORES BRONZE

Cisa Trading

ELECTRO PLASTIC
ALTA TECNOLOGIA EM FILMES E EMBALAGENS

livraria cultura

RP Rosenberg Partners

TERRA NOVA
TRADING S.A.

REALIZAÇÃO

Cultura artística

Ministério da Cultura

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

CULTURA ARTÍSTICA
Rua Nestor Pestana, 125, Cj. 12 01303-010 São Paulo SP Brasil
Fone 11 3256 0223 Fax 11 3258 3595 www.culturaartistica.com.br